

ZERO HORA

DOMINGO



Eva Sopher,
com carinho

Às vésperas dos 90 anos da dama do São Pedro, as mensagens dos fãs

donna

Da novela
para o salão

Corte de cabelo de Sophie Charlotte é imitado na vida real



PORTO ALEGRE, **DOMINGO**, 16 DE JUNHO DE 2013 - ANO 50 - Nº 17.417

SC/PR - R\$ 4,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 7,50/ URUGUAI - \$ 70 **R\$ 4,00**



FILHO DA RUA UM ANO DEPOIS

Contra todos os prognósticos, o menino que parecia condenado ao crack e à violência quando sua história foi contada por Zero Hora ensaia um novo caminho.

PÁGINAS 19 a 23



Felipe até 2012: vagando pelas ruas. Em 2013, caminhando com a professora

ALOIZIO MERCADANTE, MINISTRO DA EDUCAÇÃO

“Temos de sair desse currículo enciclopédico”



MEC revelará em julho um projeto para reorganizar o Ensino Médio em quatro áreas e aproximá-lo do Enem.

➔ **Foco nas exatas para professores e alunos**

➔ **Jornada escolar deve ter mais cinco horas**

PÁGINAS 4 e 5

Protestos

O que motiva os jovens que saem às ruas

Movimento iniciado na Capital terá novos atos esta semana pelo país. **Páginas 26 e 27**

NO OLHO DO ESCÂNDALO

Ascensão e queda do Rei do Leite

Wilson Zanatta, da Bom Gosto, montou império que hoje deve R\$ 1,1 bi. **DINHEIRO**

JEFFERSON BOTTEGA



FILHO DA RUA

Aos 15 anos, adolescente que vagava pelas ruas há quase uma década ensaia seu regresso para casa e para a escola

CAMINHO DE VOLTA

REPORTAGEM: LETÍCIA DUARTE

leticia.duarte@zerohora.com.br

IMAGENS: JEFFERSON BOTEGA

jefferson.botega@zerohora.com.br

Diziam que seu destino seria a cadeia ou a morte. Que corria o risco de nem chegar aos 15 anos – já era uma surpresa ter completado 14.

Que não havia jeito, o crack tinha corroído suas chances de recuperação.

Contra todos os prognósticos, o guri que há um ano se transformou em símbolo de um fracasso coletivo ao ter sua peregrinação pelas esquinas estampada na reportagem Filho da Rua tateia desde então um novo caminho, pavimentado com olhares mais atentos da rede de assistência. Uma trilha inconstante, mas bem mais promissora do que os mais otimistas ousavam acreditar até 17 de junho do ano passado, quando a história do adolescente foi contada em 16 páginas de Zero Hora.

Nem a própria mãe acreditava que pudesse ser diferente, desesperançada com os nove anos de idas e vindas do filho entre a casa e as calçadas. Primeiro

seduzido pelas esmolas, em seguida agarrado pelas drogas – num enredo comum a tantas crianças e adolescentes que perambulam pelas sombras de Porto Alegre ou de qualquer outra cidade do Brasil.

Depois de acompanhar Felipe por três anos e reunir mais de 300 páginas de documentos de sua história, a publicação diagnosticava o drama que nenhum programa social havia sido capaz de interromper: aos 14 anos, o adolescente já somava 105 encaminhamentos do Conselho Tutelar e continuava nas esquinas, havia sido matriculado em quatro escolas e seguia analfabeto, tinha estado internado sete vezes para tratar sua dependência química e permanecia usuário de crack. Parecia que as chances de reabilitação estavam esgotadas.

Um ano depois, ZH mostra como o improvável se tornou possível. Desde julho do ano passado, Felipe

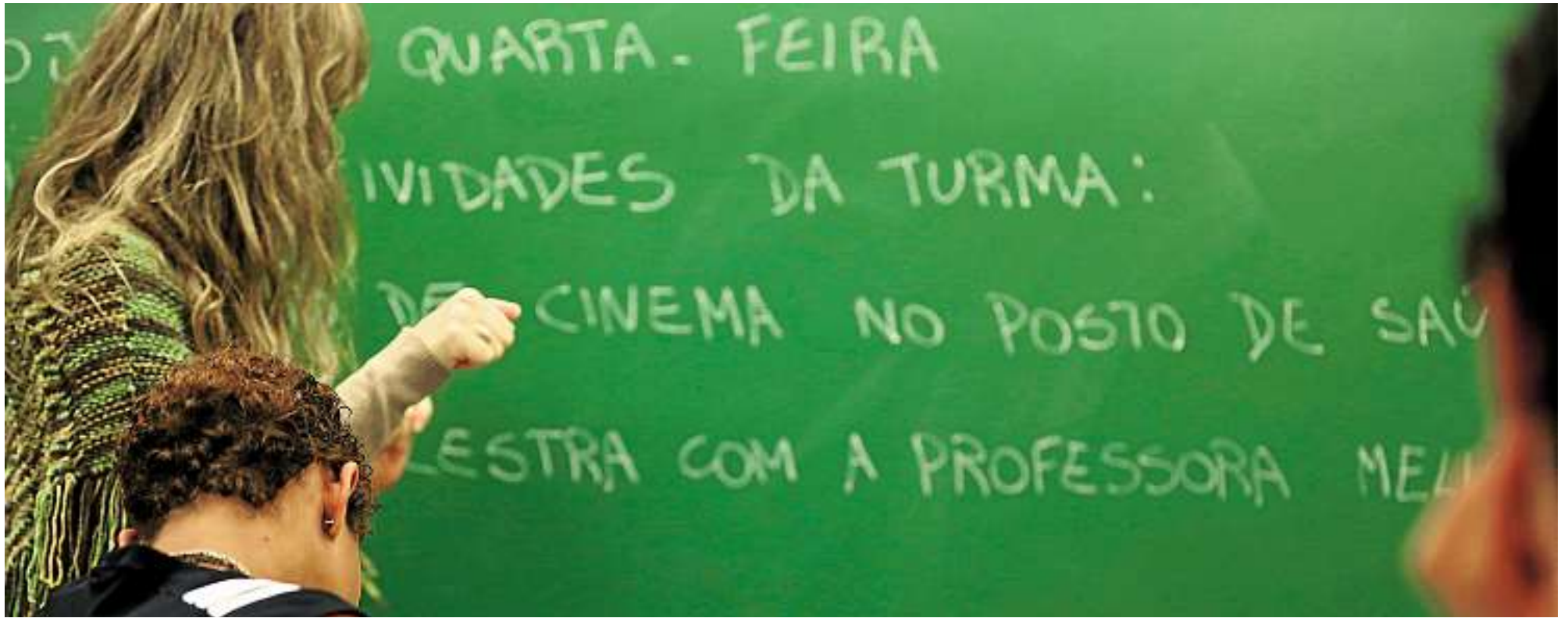
voltou a dormir em casa com regularidade – tornando as ausências uma exceção. No final de fevereiro deste ano, foi matriculado novamente na escola – apesar de ter metade das presenças esperadas, até o final de maio continuava vinculado. Cada dia é uma vitória, em meio a um cenário de risco permanente. Antes de aprender a ler e escrever, o adolescente inaugurou oficialmente seu currículo de infrator, com sua primeira passagem pela Fundação de Atendimento Socioeducativo (Fase) no ano passado – e atualmente cumpre em liberdade outra medida socioeducativa por desacato policial.

O caminho de volta para casa é instável, mas vem acompanhado de uma decisão crucial: Felipe não quer mais ser filho da rua.

– Agora sou filho de casa – brinca o adolescente, hoje com 15 anos.

* ZH acompanha a trajetória de Felipe desde março de 2009, com autorização do Juizado da Infância e da Juventude. Os nomes do adolescente e de sua família foram trocados para preservar a identidade, como determina o Estatuto da Criança e do Adolescente.





O adolescente ainda não aprendeu a ler, mas o fato de ter voltado para a sala de aula tem ares de revolução em uma trajetória que até o ano passado parecia condenada à rua e ao crack

NA ESCOLA

Na turma 11 de uma escola pública do bairro Mario Quintana, em Porto Alegre, a professora Adriane Feijó Rodolpho repassa o alfabeto em voz alta com os alunos do turno noturno da Educação de Jovens e Adultos:

– Então, gente como é mesmo?

Os 11 colegas em processo de alfabetização respondem em coro, na aula de 22 de maio de 2013:

– A... B... C...

– ...K – destoa Felipe, 15 anos, inseguro com a sequência de letras.

Sentado na primeira fileira de classes, com uma camisa Adidas azul marinho novinha, calça xadrez e tênis Nike preto, ele não sabe escrever sequer o próprio nome. As faltas constantes dificultam o aprendizado. Sua inquietude faz com que levante com frequência no meio da aula. Mas o simples fato de ainda estar ali, quase três meses depois do início do ano letivo, tem ares de revolução na vida do adolescente que até o ano passado parecia condenado à rua, ao crack, ao crime.

Com o caderno de capa de cachorrinho aberto sobre a classe, Felipe começa a reescrever, mesmo antes de dominar a caligrafia, uma parte de sua história. Não que tudo aquilo tenha ficado para trás. As marcas da rua continuam vivas e aparecem no meio dos assuntos mais triviais, como nesta aula, quando a professora pede aos alunos que digam um alimento que comece com a letra V. Com sua espontaneidade característica, Felipe sugere em voz alta:

– Vestígio.

A professora explica que vestígio não é alimento, mas com a habilidade dos bons

Matriculado na rede pública, com 53% de presenças, Felipe tenta desde o final de fevereiro sair do analfabetismo

mestres valoriza a contribuição e pergunta se Felipe sabe o significado daquela palavra. Ao responder, o menino traz um pedaço do seu mundo para a sala de paredes de tijolos à vista e janelas amarelas.

– Vestígio é quando um polícia tá procurando alguém e não consegue achar... – define o aluno.

A professora incentiva que ele continue explicando o significado de vestígio, diz que está no caminho certo:

– O ladrão não deixou vestígio nenhum para acharem ele... – prossegue.

– E então... que é vestígio?

– Vestígio é quando um cachorro de brigadiano pode achar drogas enterrada... A não ser que tá com perfume.

A professora se surpreende:

– Ah, colocam perfume para não acharem a droga?

Felipe desconversa, como sempre que perguntado sobre o universo do tráfico:

– Não sei.

Foi apenas uma semana antes que a professora descobrira que esse aluno inquieto e carismático era o personagem de Filho da Rua. A notícia foi trazida por representantes do programa municipal Ação Rua do Eixo Baltazar Nordeste, o núcleo que passou a acompanhá-lo sistematicamente a partir de julho do ano passado, buscando estabelecer vínculos e inseri-lo na rede de atendimento. Em 14 de maio passado, educadores visita-

ram a escola para conferir como andava a frequência do menino, matriculado em fevereiro pela mãe, por orientação do Juizado da Infância e de serviços ligados à Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) da Capital. As marcações na lista de chamada indicam que, entre 27 de fevereiro e 13 de junho, teve 53% de presenças. Foram só três faltas até o fim de março, mas a partir de abril elas se multiplicaram. Em maio, Felipe foi a apenas metade das aulas e, em junho, ainda não apareceu. Ainda assim, o simples fato de ter criado vínculo é um recorde.

– Nunca imaginei que eu ia pro colégio, me sentar numa sala de aula e ficar assistindo à professora, porque nunca fiz isso. Eu só ia pro colégio pra comer merenda e sair ou senão pra arrumar confusão – reconhece Felipe, que carrega os cadernos em uma mochila rosa estampada com coraçõezinhos coloridos que ganhou da irmã.

Ao conhecer a história, Adriane e outros professores da escola entenderam melhor o comportamento do aluno que chega abraçando e chamando as professoras de bonitas, mas em seguida é capaz de se virar para os colegas num rompante e ameaçar sem alterar o tom de voz: “Vou furar teus olhos e vou fazer uma cruz”. Naquele momento, tiveram dúvida se Felipe gostaria ou não de ser reconhecido por elas como personagem da reportagem que revelava um passado tão conturbado.

Em 22 de maio, quando chegou à escola acompanhado por ZH, ele mesmo tratou de desfazer as dúvidas:

– Essa é Letícia, minha repórter. Eu sou um guri muito famoso.

Desde que sua história foi parar nas páginas do jornal, Felipe tem se esforçado para construir uma nova versão de si mesmo. Embora sem saber ler, ficou espantado ao constatar pelas fotos do caderno Filho da Rua o quanto suas mãos estavam sujas. De lá para cá, passou a dedicar minutos no banho para esfregar as unhas. Um pequeno ritual de reconquista, que vem acompanhado de outros passos. O principal deles: estar fazendo o caminho de volta para casa, trocando as esquinas onde dormia até o ano passado pelas cobertas oferecidas pela mãe.

– Eu pensei... Um guri bonito que nem eu... Bá, andar daquele jeito, naquele estado... podendo andar bem limpinho, pegar várias namoradinhas... queria só saber de droga, ficar na rua. Hoje eu penso muito além, as drogas não levam ninguém a lugar nenhum. O único lugar que leva é à morte, cadeia ou ficar toda hora apanhando de vagabundo, levando tiro na cara. Graças a Deus, consegui mudar de vida – diz.

Ele fala que mudou de vida assim, no passado – e como se o regresso fosse definitivo, como se tudo fosse apenas uma questão de boa vontade. Quem conhece o apelo das ruas sabe que é melhor falar em conquistas parciais.

– Um ano é muito pouco para se poder observar, às vezes não é nada para quem tem histórico de rua. Mas cada dia no programa é um dia a menos na rua, uma possibilidade a mais para construir isso – avalia a diretora técnica da Fasc, Marta Borba.

A CASA PRÓPRIA

O funk ecoa pela vizinhança. Uma caixa de som instalada próxima à janela da casa de uma peça potencializa o volume do DVD, que a qualquer hora do dia toca hits como a trilha sonora de *Tropa de Elite*.

– Entra, entra – convida o anfitrião, adentrando na peça erguida com madeira clara, com uma cama, uma televisão de 14 polegadas, um micro-ondas que não funciona, um armário com roupas amontoadas e um macaco de pelúcia pendurado na parede com braços abertos como objeto especial de decoração.

O adolescente que até o ano passado dormia na rua, que chegou a ser confundido com um saco de lixo de tão sujo, que passava noites embaixo da ponte, tem desde abril um teto para chamar de seu.

Mora sozinho em uma peça de madeira quase em frente à casa da mãe. Maria fez negócio por R\$ 2 mil com antigos proprietários, dando uma entrada de R\$ 500 no dia 7 de abril. Disse que comprou pensando em ter um espaço para Felipe e os outros filhos – a filha de 29 anos havia se separado do companheiro de 72 anos com quem vive e chegou a precisar de abrigo temporário, o filho que está preso em Charqueadas por assalto apareceu quando ganhou indulto de Natal. Indiretamente, pode ser uma alternativa também para amenizar os conflitos recorrentes entre Felipe e o padrasto.

Na nova casa, Felipe recebe suas namoradas. Numa semana aparece de aliança dizendo que está comprometido com uma menina, na semana seguinte já trocou de titular.

– É só um pega e não se apega – brinca.

A mais recente namorada a aparecer em sua residência é uma segurança de 34 anos que diz ter conhecido no Centro. Afirma que é ela quem lhe dá de presente as roupas caras com que tem aparecido ultimamente, como duas camisetas novas com a marca Adidas. No feriado de Corpus Christi, mostrou que ela lhe presenteou com sabonete líquido “Lux Toque de Damasco”, desodorante, enxaguante bucal – e também com uma fitinha que carrega no pulso, com uma palavra que ele ainda não sabe ler: amor.

Agora, diz que sonha em construir um banheiro, comprar uma cozinha completa, com um fogão “lindo, todo prateado” que viu numa loja perto do seu colégio. E se permite sonhar um uma vida diferente.

– Meu sonho é ter uma marcenaria... no meu nome... do meu suor... meu trabalho.

Diz que também quer continuar no colégio, para aprender, finalmente, a ler.

– Pra quando for olhar na frente de um letreiro do ônibus eu saber: ah, aquele dali vai pra tal lugar, esse daqui vai pra tal lugar... pra um dia eu ser alguém na vida... Ter uma profissão própria, que é marcenaria ou ser mecânico... um desses dois eu sei que vou conseguir ser, é só ter força de vontade. Assim como eu tive força de vontade pra largar as drogas, eu consigo ter isso daí também.

Mais tranquila com o regresso do filho, Maria voltou a se cuidar. Vai para o trabalho com os olhos pintados com sombra cintilante, blush no rosto e batom.

– Eu descanso mais, durmo tranquila, sem pensar que ele tá na rua, com frio, com fome... ou eu atrás dele... Acabou essa fase, é uma nova vida.

O dia em que ele decidiu largar o crack

A luta contra o vício de crack é cotidiana. Felipe diz que evita ficar com dinheiro na mão para não cair em tentação. Quando recebe o pagamento por algum biscate, como os serviços de marcenaria que faz para a vizinhança, sai correndo para jogar sinuca num bar, comprar cigarro, comprar refrigerante – qualquer coisa para não se lembrar da pedra.

– Antes de pensar em besteira eu gasto todo o dinheiro – conta.

Usuário de crack desde os oito anos, Felipe diz que decidiu parar com tudo no dia em que caiu em uma unidade da Fase, em Porto Alegre. Era 3 de julho de 2012 quando foi abordado por brigadianos na rua, após a expedição de um mandado judicial pela Justiça de Torres, para averiguações de um furto cometido quando morava lá, em 2010. Ficou internado apenas 24 horas no Centro Provisório de Internação Carlos Santos, a porta de entrada do sistema. Tempo suficiente para levar um choque.

– Foi a primeira vez que me botaram atrás das grades. Aí eu fiquei com o coração lá na boca.

Diz que dividiu a ala com “mais dois caras”. Que não conversava com ninguém. E que tudo piorou quando apareceu “um gurizão” ameaçando lhe bater. Na hora do pátio, o veterano intimidava:

– Vou te pegar, vou cravar uma faca em ti.

– Não vem, comigo tu não vai se arrumar – reagia Felipe.

O discurso era de guri corajoso, mas intimamente temia pelo pior. E ficou ainda

mais assustado depois de ver um guri “sair da cela todo arreventado”:

– Nem parecia o mesmo que entrou.

Sua sorte, conta, foi ter sido protegido por um antigo conhecido, que afastou o desafeto garantindo que Felipe era gente boa.

Marcado pela experiência negativa, o adolescente diz que se convenceu de que precisava largar a pedra que motivava todas as suas infrações.

– A primeira vez que eu caí lá dentro botei a bola pra frente e comecei a pensar... a vida é tão boa, tão legal, tão simples... pra que eu vou estar usando isso daí? Não leva a nada, não leva a lugar nenhum... pra quê? A primeira vez que eu caí na Fase eu vi como é, é que nem cadeia. Os caras falam que não é, mas é a mesma coisa. Tu fica atrás de uma grade, trancado, tu olha pro céu, o céu azul... mas tem umas grades... umas baita de umas grades... – reflete.

Ao retornar para casa, prometeu para si mesmo que desta vez seria diferente – apesar de tantas outras vezes já ter decidido parar e recaído no dia seguinte. Pede ajuda. Disse que queria ir para uma fazenda terapêutica para se tratar.

Mas, quando a oportunidade de tratamento apareceu, não foi tão simples assim.



Desde abril, o guri que passou a maior parte de sua infância dormindo ao relento mora sozinho em uma peça de madeira localizada em frente à casa da mãe, na Vila do Esqueleto



Decidido a largar o crack, Felipe passou pela sua oitava tentativa de tratamento em julho passado: deveria ficar nove meses, mas resistiu somente 10 dias na fazenda terapêutica

UMA NOVA FUGA

A chance de um recomeço veio 15 dias depois de Felipe sair da Fase. Após a publicação da reportagem, o secretário estadual de Justiça e dos Direitos Humanos, Fabiano Pereira, empenhou-se pessoalmente em conseguir uma vaga para o adolescente em uma fazenda terapêutica. Em parceria com o programa municipal Ação Rua, que já vinha acompanhando o menino, foi encaminhado para a oitava tentativa de tratar a dependência química.

Em 20 de julho, chegou à Fazenda Senhor Jesus, em Novo Hamburgo, com expectativa de ficar até nove meses. No dia da partida, estava ansioso.

– Eu vou ficar lá, vai ser melhor pra mim, quero mudar de vida – repetia, como se quisesse se convencer.

O ânimo durou pouco. Desacostumado com horários e regras a cumprir, sentindo a abstinência da pedra que consumia diariamente, não aguentou. Dez dias depois da chegada, pulou a cerca e fugiu. Em 3 de agosto, após retornar à Vila do Esqueleto, telefonou à repórter a cobrar, usando o celular de uma vizinha:

– Eu fugi. Não fica triste comigo – contou, dizendo que preferia estar em casa.

Como nas tentativas anteriores, a recaída não chegou a surpreender. A diferença é que, desta vez, a fuga não passou despercebida. Comunicados sobre a saída, educadores do programa Ação Rua voltaram a procurar por Felipe, que agora estava na casa da mãe e ainda motivado a mudar de vida. Para estreitar vínculos, uma dupla do programa visitava a casa uma vez por semana, convidando para atividades como jogos de futebol, providenciando a confec-

ção de documentos. Durante os encontros, eles procuravam conhecer sua história e motivá-lo para aderir a outros programas de assistência.

Em uma nova tentativa de resgate, a Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos entrou em contato com a fundação Pão dos Pobres, que desenvolve projetos socioeducativos. A ideia era de que ele fosse incluído em oficinas de música, hip hop, futsal, para que aos poucos pudesse encontrar ali um espaço mais interessante do que a rua. Felipe ficou empolgado. Em 14 de agosto, foi levado para conhecer as oficinas da instituição e se encantou com o que viu.

Ali, os dedos que antes apareciam chamuscados pelo fumo de crack começaram a aprender a dedilhar violão, coreografar passos de hip hop. Fez amigos, se relacionava bem com professores, sonhava em um dia aprender a ler para se matricular no curso de mecânica, para poder consertar os carros que sempre admirou enquanto pedia esmola na sinaleira. Só que, junto com as novas possibilidades, vieram desafios como aprender a respeitar limites. Tinha dificuldade em cumprir rituais da instituição, como ficar em silêncio na oração que precede as refeições, esperar pela sua vez na fila para se servir. Logo nas primeiras semanas acabou agredindo uma colega. Era justamente uma menina por quem ele havia se interessado. Afoito, tentou beijá-la. Como ela recusou, reagiu dando-lhe um soco no rosto.

Com o tempo, os ataques de agressividade aumentaram – num sinal interpretado como possível abstinência do crack. Chegou a ser flagrado segurando um colega pelo pescoço e batendo com a cabeça

dele na parede no banheiro. A série de episódios foi registrada pela gerência do Pão dos Pobres, em 24 de outubro de 2012:

“As reações que ele tomou aqui no pão, infelizmente, foram bem agravadas. Agrediu violentamente com um soco no olho uma menina que não quis ficar com ele, sufocou outro menino por estrangulamento, assediou algumas meninas, quebrou vidro do refeitório... tivemos que contê-lo até ele retomar, pois ele estava sob efeito de substâncias psicoativas”, descreve a anotação.

Foi a última semana em que Felipe frequentou a instituição. Em 9 de novembro, integrantes do Pão dos Pobres e do programa Ação Rua se reuniram com o menino e sua mãe para tentar reaproximá-lo. O encontro terminou com constatações pouco animadoras.

“Na reunião de hoje ele demonstrou que está muito alterado. Não está tomando a medicação e nos informou que constantemente fica fora de casa nas “baladas”. A mãe manifestou que não consegue mantê-lo em casa. Diante dos fatos, estamos com dificuldade de que ele frequente as oficinas. (...) A sugestão é uma internação compulsória pra desintoxicação e tratamento médico.”

A internação não aconteceu. Felipe fugiu do alcance da rede mais uma vez.

– A gente tem tentado trabalhar com ele e com a mãe para garantir esse acompanhamento em saúde mental, mas tem uma certa dificuldade de adesão. A gente não tem como obrigar, como forçar. Tem de vir dele, a gente tenta trabalhar esse querer – diz a psicóloga Graziela Matias, do programa Ação Rua.



ZEROHORA.COM

> A íntegra da reportagem de 16 páginas que conta a história de Felipe pelas ruas da Capital, publicada em junho do ano passado, está disponível no site de Zero Hora. Confira em <http://clic.rs/especialfilhodarua>

RISCO PRESENTE

O medo de que Felipe reprisasse o antigo histórico na rua bateu à porta da mãe três semanas depois, em 4 de dezembro, quando recebeu a informação que deveria comparecer à Delegacia para Crianças e Adolescentes para buscá-lo.

Maria estranhou a notícia, porque o cacula havia começado naquela semana a trabalhar em Novo Hamburgo, com intermédio de vizinhos. Saía às 5h30min, pegava o trem e passava o dia preparando gesso para o teto de uma obra. Apesar de Felipe ter desistido do Pão dos Pobres, a mãe estava feliz porque ele continuava voltando para casa, demonstrava desejo de trabalhar. Mas aí veio aquela notícia, com ecos do passado.

Ao chegar à delegacia, Maria até se sentiu aliviada ao descobrir que a infração envolvendo o filho não era furto ou roubo, como das vezes anteriores. Felipe havia sido apreendido por desacato e resistência à abordagem policial, quando andava pela Praça Parobé, às 9h30min.

O adolescente tinha faltado ao trabalho e caminhava com uma amiga em direção ao trem quando viu a movimentação de policiais prendendo dois suspeitos de um assalto. Desconfiando de que Felipe pudesse ter algum envolvimento, os policiais tentaram revistá-lo. O adolescente resistiu e acabou levado para a delegacia.

Segundo documento remetido pelo Ministério Público ao Juizado da Infância, Felipe, “mediante grave ameaça”, não aceitou a abordagem, “afirmando que iria sair na mão, proferindo, ainda ofensas e palavrões, chamando os policiais de merda e (dizendo) que sem farda não seriam nada”.

Em audiência com o juiz Ângelo Furlan

Pontes, Felipe negou que tivesse cometido qualquer irregularidade.

“Eu passei só olhando, daí eu não sei o que aconteceu, ele me chamou e daí eu fui, e daí ele me pegou pelo braço. Daí me levou para a delegacia. Daí eu comecei a me alterar porque eu não sabia o porquê de eles estarem me pegando”, contou, garantindo ter levado um soco dos policiais.

Durante a audiência, o juiz tentou motivar Felipe a retomar os estudos:

– Que futuro tu vais ter assim?

– Pelo menos uma coisa ruim que eu fazia eu larguei – respondeu Felipe.

– O que é?

– Usar droga.

Ninguém tem certeza se ele recaiu no crack, mas o exame toxicológico indicou que no momento da apreensão ele estava sob efeito apenas de “substâncias psicotrópicas pesquisadas carbonoides” (11-nor-9-carbóxi-THC), o equivalente a maconha.

Futuro ameaçado

No fim da audiência, o juiz fez Felipe se comprometer com a escola e cumprir oito semanas de prestação de serviços à comunidade – que seriam convertidos na realização de serviços gerais de limpeza, como varrer o pátio, no Centro de Referência de Assistência Social da região Nordeste.

– Me diz o seguinte... vamos começar o ano na escola? (...) Não vai querer ficar pra trás do pessoal da tua idade, todo mundo lendo e tu analfabeto... Vamos aproveitar que vai começar o ano de 2013 e vamos começar com o pé direito, não é?

– Sim, senhor – prometeu.

Antes que o ano novo chegasse com renovadas promessas de superação, o acirramento dos conflitos familiares atestava que ter deixado de dormir na rua não significava viver em um ambiente protegido.

Dias depois do Natal, as desavenças entre Felipe e o padrasto ganharam contornos de tragédia. Maria nem sabe explicar o motivo da briga. Como um copo que transborda, as rusgas cotidianas entre os dois extravasaram em socos e pontapés. O padrasto nunca concordou com a maneira de Maria cuidar do filho. Acha que ela é superprotetora, cede a todas as vontades dele, passa a mão na cabeça. Felipe nunca se conformou com a separação dos pais, sempre resistiu à presença daquele homem no lugar do pai.

Naquela noite, a discussão começou quando Felipe já estava deitado, em um beliche colocado na sala. Pedro falava alto no quarto ao lado e Felipe o repreendeu:

– Eu quero dormir.

Pedro retrucou:

– Até parece que tu trabalha.

As provocações continuaram até que Pedro foi até a cozinha e voltou de lá com duas facas, ameaçando Felipe.

– Se tu é homem tu vem no braço comigo – reagiu o adolescente.

Pedro largou as facas, Felipe saltou da cama e os dois começaram a trocar socos na frente de casa. Depois da confusão, Maria expulsou Pedro de casa mais uma vez. Antes de ir embora, o padrasto jurou, em nome da sua neta de quatro anos, que iria voltar para matar o enteado:

– Tu vai chorar por mais um filho teu.

A ameaça dirigida a Maria ficou no ar, lançando mais uma incógnita sobre o futuro do adolescente.

Fronteira do destino

Quando Felipe tinha 11 anos, a então conselheira tutelar Lúcia Kümmel, que acompanhava suas andanças pela rua, havia feito um diagnóstico preocupante: “Nesse ritmo, ele pode não chegar aos 15 anos”. A frase vinha carregada dos temores de quem viu tantos tombarem pelo crack. Pois, em 15 de fevereiro deste ano, Felipe alcançou um marco: cruzou a fronteira do destino. Não foi apenas mais uma virada de calendário. Foi a primeira vez em sete anos que passou o aniversário sem estar entorpecido.

Ter uma festa de 15 anos era um sonho de Felipe, que semanas antes começou a cobrar da mãe a comemoração.

– Ih, meu filho, festa de 15 anos é só pra menina – ria Maria, que tem economizado o salário como servente em um hospital da Zona Norte para ampliar a casa.

– Não importa, também quero – insistia.

Atrapalhado com os dias, chegou a cobrar antecipadamente os parabéns. Quando enfim o dia chegou, pulou da cama cedo, tomou banho e vestiu a melhor roupa. Uma camiseta do Barcelona, número 10 – que disse ter ganho de um amigo –, bermuda e tênis branco. Entusiasmado, chamou vizinhas para comer um bolo de aniversário oferecido pela repórter. Na hora dos parabéns, se emocionou ao soprar as velinhas que marcavam a nova idade.

Ao ouvir que podia fazer um pedido, o fez em silêncio. Diante das velas apagadas, abraçou a mãe e começou a chorar. Não precisou dizer nada. Naquele abraço cabiam todos os aniversários em que Felipe esteve ausente, vagando em destino ignorado. E todo o desejo de que os próximos possam ser diferentes.

Meses antes, quando a mãe falava sobre toda a angústia que passou quando ele via na rua, Felipe respondeu:

– Nem me fala dessas coisas que eu já esqueci.

– É bom que tu esqueça para o resto da vida – aconselhou Maria.

Felipe sabe que não tem como esquecer. Ciente da repercussão de sua história, torce para que ela não seja em vão.

– Todo mundo já sabe de mim. O Brasil inteiro sabe de toda minha vida, até pra outros lados fora de Porto Alegre. Acho que pode servir de exemplo pra outras pessoas... pra quem usa... O que eu passei... o que eu não quero que os outros passem.

No mais recente levantamento da Fasc, em março, 267 crianças e adolescentes foram encontradas perambulando pelas ruas da Capital, das quais 91 dormiam ao relento. Depois de nove anos engrossando as estatísticas, há 11 meses Felipe não faz mais parte delas.



O retorno de Felipe para casa é uma conquista, mas não é sinônimo de estar em um ambiente protegido: brigas e ameaças fazem parte de um cotidiano repleto de vulnerabilidades